

CLÁSSICOS BOITEMPO

*A ESTRADA*

**Jack London**

Tradução, prefácio e notas de Luiz Bernardo Pericás

*AURORA*

**Arthur Schnitzler**

Tradução, apresentação e notas de Marcelo Backes

*BAUDELAIRE*

**Théophile Gautier**

Tradução de Mário Laranjeira

Apresentação e notas de Glória Carneiro do Amaral

*DAS MEMÓRIAS DO SENHOR DE SCHNABELEWOPSKI*

**Heinrich Heine**

Tradução, apresentação e notas de Marcelo Backes

*EU VI UM NOVO MUNDO NASCER*

**John Reed**

Tradução e apresentação de Luiz Bernardo Pericás

*MÉXICO INSURGENTE*

**John Reed**

Tradução de Luiz Bernardo Pericás e Mary Amazonas Leite de Barros

*NAPOLEÃO*

**Stendhal**

Tradução de Eduardo Brandão e Kátia Rossini

Apresentação de Renato Janine Ribeiro

*OS DEUSES TÊM SEDE*

**Anatole France**

Tradução de Daniela Jinkings e Cristina Murachco

Prefácio de Marcelo Coelho

*O TACÃO DE FERRO*

**Jack London**

Tradução de Afonso Teixeira Filho

Prefácio de Anatole France

Posfácio de Leon Trotsky

CHARLES DICKENS

# TEMPOS DIFÍCEIS

ILUSTRAÇÕES

HARRY FRENCH

TRADUÇÃO

JOSÉ BALTAZAR PEREIRA JÚNIOR

**BOITEMPO**  
EDITORIAL

“Sempre minha queridinha, não é, Louisa?”, disse o Sr. Bounderby. “Até logo, Louisa!”

Ele saiu, mas ela permaneceu parada, esfregando com o lenço a bochecha que ele beijara, até que estivesse vermelha e ardendo. Ainda a estava esfregando cinco minutos depois.

“O que é isso, Loo?”, repreendeu-a o irmão, zangado. “Você vai abrir um buraco no rosto.”

“Pode cortar esta parte com o canivete, Tom. Não vou chorar!”

## V A NOTA TÔNICA

Coketown, para onde caminhavam os Srs. Bounderby e Gradgrind, era um triunfo dos fatos; não havia mácula de imaginação maior do que aquela da própria Sra. Gradgrind. Executemos a nota tônica, Coketown, antes de prosseguir a nossa canção.

Era uma cidade de tijolos vermelhos, ou de tijolos que seriam vermelhos caso as cinzas e a fumaça permitissem; mas, no estado de coisas de então, era uma cidade de vermelhos e negros antinaturais, como o rosto pintado de um selvagem. Era uma cidade de máquinas e chaminés altas, pelas quais se arrastavam perenes e intermináveis serpentes de fumaça que nunca se desenrolavam de todo. Havia um canal negro e um rio que corria púrpura por causa da tintura malcheirosa, e grandes pilhas de edifícios cheios de janelas, onde se ouviam ruídos e tremores o dia inteiro, e onde o pistão das máquinas a vapor trabalhava monótono, para cima e para baixo, como a cabeça de um elefante em estado de loucura melancólica. Havia ruas largas, todas muito semelhantes umas às outras, e ruelas ainda mais semelhantes umas às outras, onde moravam pessoas também semelhantes umas às outras, que saíam e entravam nos mesmos horários, produzindo os mesmos sons nas mesmas calçadas, para fazer o mesmo trabalho, e para quem cada dia era o mesmo de ontem e de amanhã, e cada ano o equivalente do próximo e do anterior.

Os atributos de Coketown eram, em geral, inseparáveis do trabalho que a mantinha; poderíamos contrapor-lhes os confor-

tos da vida que eram enviados dali para o mundo inteiro, e os requintes da vida que moldavam (não perguntaremos quanto) as finas damas, que mal suportavam a menção do lugar. Os outros atributos de Coketown eram voluntários, e são estes.

Não se via nada em Coketown que não fosse rigorosamente funcional. Se os seguidores de uma doutrina religiosa construíssem uma capela ali – como fizeram os seguidores de dezoito doutrinas religiosas –, seria um pio armazém de tijolos vermelhos, às vezes com um sino dentro de uma gaiola no topo (mas apenas em exemplares altamente ornamentais). A única exceção era a Igreja Nova; um edifício revestido de estuque, com um campanário quadrado em cima da porta, terminando em quatro pináculos baixos, como pernas de pau floridas. Todos os letreiros públicos da cidade eram pintados da mesma maneira: letras severas em preto e branco. A prisão poderia ser a enfermaria, a enfermaria poderia ser a prisão, a sede da prefeitura poderia ser qualquer uma das duas, ou ambas, ou outra coisa qualquer, em que pesem as poucas diferenças estéticas de sua construção. Fatos, fatos, fatos, por todo o aspecto material da cidade; fatos, fatos, fatos, por todo o imaterial também. A escola de Choakumchild era toda fatos, e a escola técnica era toda fatos, e as relações entre mestre e servo eram todas fatos, e tudo era fatos entre a maternidade e o cemitério, e aquilo que não se podia expressar em números, ou demonstrar que era comprável no mercado mais barato e vendável no mais caro, não existia, e não deveria existir, pelos séculos dos séculos, amém.

Uma cidade tão devotada aos fatos, e tão triunfante em sua afirmação, decerto ia bem. Ora, não tão bem. Não? Oh, céus!

Não. Coketown não saía das próprias fornalhas como ouro incandescente. Antes de tudo, o desconcertante mistério da cidade era: quem pertencia às dezoito denominações? Porque, fosse quem fosse, não eram os trabalhadores. Era muito estranho caminhar pelas ruas da cidade num domingo de manhã e notar quão poucos *delés* o bárbaro badalar dos sinos, que enlouquecia os doentes e os nervosos, atraía para fora de casa, dos quartos fechados, das esquinas das ruas onde eles passavam o tempo, indiferentes, observando os frequentadores das capelas

e igrejas como se aquilo fosse uma coisa com a qual eles não tivessem nenhuma relação. E não era somente o estrangeiro que notava tal fato, pois havia uma organização local que a cada sessão na Câmara dos Comuns reivindicava, indignada, leis parlamentares que tornassem aquelas pessoas religiosas, à fina força. Depois era a vez da Sociedade dos Abstêmios, que reclamava que aquelas mesmas pessoas *preferiam* embriagar-se, e demonstrava por descrições tabulares que, de fato, elas se embriagavam, e provava nos chás da cidade que nenhum estímulo, humano ou divino (com exceção de uma medalha), conseguiria fazê-las renunciar ao costume de embriagar-se. Depois era a vez do farmacêutico e do droguista, que também tinham descrições tabulares demonstrando que, quando não se embriagavam, elas consumiam ópio. E depois era a vez do experiente capelão da prisão, com mais descrições tabulares, que superavam todas as descrições tabulares anteriores, demonstrando que essas mesmas pessoas *preferiam* recorrer a estabelecimentos vulgares, escondidos do olhar público, onde ouviam canções vulgares, assistiam a danças vulgares e quiçá participavam delas; e onde A. B., vinte e quatro anos incompletos, condenado a dezoito meses de confinamento solitário, disse (não que em algum momento tenha parecido particularmente digno de crença) que sua ruína começou, e estava perfeitamente certo e confiante de que, se não fosse por tais estabelecimentos, ele seria um espécime moral de primeira categoria. Além disso, havia os Srs. Gradgrind e Bounderby, os dois cavalheiros que ora caminhavam por Coketown, ambos eminentemente práticos, que em certas ocasiões poderiam fornecer mais descrições tabulares derivadas de sua experiência pessoal e ilustradas por casos que haviam visto e conhecido, dos quais se concluía claramente – em resumo, estes eram os únicos fatos claros no caso – que, de modo geral, aquelas pessoas não prestavam, cavalheiros; que nunca ficavam gratas por aquilo que se fazia por elas, não importava o que fosse, cavalheiros; que nunca estavam contentes, cavalheiros; que comiam do bom e do melhor e compravam manteiga fresca; que insistiam em beber café moca e rejeitavam os cortes de carne que não

fossem os melhores e, no entanto, eram eternos insatisfeitos e baderneiros. Em resumo, era a moral da velha rima infantil:

*Havia uma velha muito ruim.  
Vivia somente de carnes e gim.  
Só carnes e gim, era sua dieta,  
Mas a velha NUNCA ficava quieta.*

É possível, imagino eu, que haja uma analogia entre o caso da população de Coketown e o caso dos pequenos Gradgrinds? Por certo, nenhum de nós, que temos a mente sóbria e estamos familiarizados com os números, quererá ouvir, a esta altura, que um dos principais elementos da existência do povo trabalhador de Coketown foi, durante anos, intencionalmente aviltado. Que havia alguma imaginação nessas pessoas exigindo ser trazida à saudável existência, em vez de debater-se em convulsões. Que, na mesma proporção em que trabalhavam longa e monotonamente, elas ansiavam por alívio físico; um descanso que lhes estimulasse o bom humor e a boa disposição e desse um refrigério; um feriado oficial, ainda que fosse suficiente apenas para um baile honesto, ao som estimulante de uma banda de música; uma torta leve, na qual nem mesmo Choakumchild pudesse meter a mão. Tal anseio deveria ser satisfeito com justiça, e seria, ou deveria tomar o caminho errado, e tomaria, até que fossem revogadas as leis da Criação?

“O sujeito mora na Ponta de Pod. Não conheço bem o lugar”, disse o Sr. Gradgrind. “Onde é, Bounderby?”

O Sr. Bounderby sabia que era algum lugar no centro da cidade, nada além disso. Assim, eles pararam um momento e olharam em volta.

Quase de imediato, veio andando, a passos largos e parecendo assustada, uma menina a quem o Sr. Gradgrind reconheceu. “Ei!”, disse ele. “Pare! Aonde você vai? Pare!” A menina número vinte parou e, agitada, fez-lhe uma reverência.

“Por que está andando desembestada pelas ruas”, disse o Sr. Gradgrind, “desse modo impróprio?”

“Eu estava... estava sendo perseguida, senhor”, arfou a menina, “e quis escapar.”

“Perseguida?”, repetiu o Sr. Gradgrind. “Quem perseguiria você?”

A pergunta foi respondida, súbita e inesperadamente, pelo menino incolor, Bitzer, que dobrou a esquina em velocidade irrefreável e, sem prever o bloqueio na calçada, acabou chocando-se contra o colete do Sr. Gradgrind e ricocheteando até o meio da rua.

“O que está pensando, menino?”, disse o Sr. Gradgrind. “O que está fazendo? Como ousa chocar-se contra – todo mundo – dessa forma?”

Bitzer apanhou o boné, que a trombada havia derrubado; então, recuando e batendo uma continência, alegou que fora um acidente.

“Este menino estava correndo atrás de você, Jupe?”, perguntou o Sr. Gradgrind.

“Sim, senhor”, disse a menina, relutante.

“Não, eu não estava, senhor!”, gritou Bitzer. “Não até ela fugir de mim. Mas os cavaleiros não se importam com o que dizem deles, senhor; eles são famosos por isso. Você sabe que os cavaleiros são famosos porque nunca se importam com o que dizem deles”, disse dirigindo-se a Sissy. “É um fato tão conhecido na cidade quanto... a tabuada não é conhecida pelos cavaleiros, se é que me entende, senhor”, e Bitzer, assim, testava o Sr. Bounderby.

“Ele me assustou”, disse a menina, “com suas caretas cruéis!”

“Oh!”, exclamou Bitzer. “Oh, você é como eles! Você é uma cavaleira! Eu nem olhei para ela, senhor. Perguntei se saberia definir um cavalo amanhã, na aula, e me ofereci para explicar outra vez, e ela correu, e eu corri atrás, senhor, para ela saber a resposta. Você nem pensaria em dizer tamanha maldade se não fosse uma cavaleira!”

“A profissão da menina parece ser bastante conhecida entre eles”, observou o Sr. Bounderby. “Mais uma semana, e a escola toda faria fila para espiar.”

“Creio que é verdade”, respondeu seu amigo. “Bitzer, dê a volta e tome o rumo de casa. Jupe, espere um momento. Meu rapaz, se eu ouvir outra vez que você anda correndo desse modo,

o diretor da escola vai lhe dar notícias minhas. Entende o que digo? Mexa-se.”

O menino interrompeu suas rápidas piscadas, bateu contidência outra vez, olhou para Sissy, deu meia-volta e retirou-se.

“Agora, menina”, disse o Sr. Gradgrind, “leve-nos, este cavalheiro e eu, ao seu pai. É para lá que estamos indo. O que há nesse frasco que você carrega?”

“Gim”, disse o Sr. Bounderby.

“Oh, não, senhor! É unguento para cavalos.”

“Unguento para quê?”, gritou o Sr. Bounderby.

“Unguento para cavalos, senhor. Para esfregar no meu pai.”

Ao que o Sr. Bounderby disse, com um risinho alto: “Por que diabos você esfregaria unguento para cavalos no seu pai?”

“É o que sempre usamos, senhor, quando nos machucamos no picadeiro”, replicou a menina, olhando por cima do ombro para certificar-se de que seu perseguidor havia partido. “O pessoal se machuca gravemente, às vezes.”

“É o que merecem”, disse o Sr. Bounderby, “por serem vadios.” Ela olhou para ele, com uma mistura de espanto e horror.

“Por São Jorge!”, disse o Sr. Bounderby, “quando eu era quatro ou cinco anos mais novo do que você, eu tinha machucados bem piores do que unguento para cavalos, unguento para rinocerontes ou unguento para elefantes pudessem curar. Não me machuquei praticando contorcionismo, mas em surras. Nunca dancei na corda bamba; dançava no chão e era vergastado com a corda.”

O Sr. Gradgrind, embora suficientemente rígido, não era tão grosseiro quanto o Sr. Bounderby. Seu caráter não era rude de modo geral; poderia ter sido bastante gentil se houvesse cometido, no passado, algum erro rotundo na aritmética que o equilibrava. Disse numa voz que imaginava ser encorajadora, enquanto caminhavam pela rua estreita: “Aqui é a Ponta de Pod, não é, Jupe?”

“É, sim, senhor, e – se me permite, senhor – esta é a casa.”

Ela deteve-se, na penumbra, diante da porta de uma taverninha vil, iluminada por fracas luzes vermelhas. Era surrada e maltrapilha, como se, por falta de fregueses, houvesse ela própria começado a beber e seguido o caminho costumeiro dos bêbados, agora perto do fim.

“Basta passar pelo balcão, senhor, subir as escadas e, se me permite, esperar um momento até eu pegar uma vela. Se ouvir um cão, senhor, é apenas Patas Felizes, e ele apenas late.”

“Patas Felizes e unguento para cavalos, ah!”, disse o Sr. Bounderby, entrando por último com seu riso metálico. “Nada mal para um grande empreendedor!”

mim?”, Louisa interrompia sua ocupação, qualquer que fosse, e esperava a resposta com tanta ansiedade quanto Sissy. E, quando o Sr. Gradgrind respondia, como de costume, “Não, Jupe, nada do gênero”, o tremor nos lábios de Sissy repetia-se no rosto de Louisa, e seus olhos compadecidos seguiam a menina até a porta. O Sr. Gradgrind tinha o hábito de aproveitar tais ocasiões para observar, quando Sissy deixava o aposento, que, se ela tivesse sido treinada de maneira adequada desde a mais tenra idade, teria demonstrado a si mesma, apoiada em princípios sólidos, que essas esperanças fantasiosas não tinham nenhum fundamento. No entanto, parecia (não a ele, pois ele não via nada) que a esperança fantasiosa podia ter uma influência tão grande quanto os Fatos.

Tal observação devia limitar-se exclusivamente à sua filha. Quanto a Tom, tornava-se cada vez mais o triunfo do cálculo que costuma operar naqueles que só pensam em si mesmos, fato que não era inédito na família. Quanto à Sra. Gradgrind, se comentava o assunto, fazia-o ao sair um pouco de debaixo das cobertas, como um arganzaz fêmea, e dizer: “Valha-me o bom Deus! Como a minha pobre cabeça se exaspera e se cansa com a menina Jupe, insistindo em perguntar, de novo e outra vez, sobre essas aborrecidas cartas! Juro pela minha honra que pareço fadada, destinada e predestinada a viver entre coisas que nunca me darão descanso. É uma circunstância de fato extraordinária que nunca nada me dê descanso!”

Nesse momento, o olhar do Sr. Gradgrind caiu sobre ela, que, sob influência daquele gélido fato, tornou-se letárgica outra vez.

## X

## STEPHEN BLACKPOOL

ALIMENTO a fraca ideia de que os ingleses são tão trabalhadores quanto qualquer outro povo sobre o qual brilhe o sol. Admito que essa ridícula idiossincrasia é a razão pela qual eu lhes concederia mais lazer.

Na parte mais trabalhadora de Coketown; nas fortificações mais íntimas daquela feia cidadela, onde a Natureza era mantida firmemente do lado de fora pelas mesmas paredes de tijolos que mantinham os ares e gases letais do lado de dentro; no coração do labirinto de pequenos quintais e ruas estreitas que foram trazidos à vida em partes, cada parte com a pressa violenta de servir ao propósito de um único homem, e o todo como uma família desnaturada cujos membros acotovelavam-se, pisoteavam-se e esmagavam-se uns aos outros até a morte; no recanto mais afastado daquela exaurida caixa de fumaça, onde as chaminés, por falta de ar que produzisse correntes, eram construídas numa imensa variedade de formas retorcidas e atrofiadas, como se em cada casa houvesse uma tabuleta assinalando o tipo de pessoa que se poderia esperar que nascesse ali; na multidão de Coketown, batizada genericamente de “mão de obra” – uma raça que teria encontrado mais boa vontade de algumas pessoas se a Providência houvesse achado por bem dotá-la apenas de mãos ou, como as criaturas inferiores do mar, apenas de mãos e estômagos –, vivia certo Stephen Blackpool, de quarenta anos.

Stephen parecia mais velho, porém tivera uma vida dura. Dizem que cada vida tem suas rosas e espinhos; no caso de

Stephen, no entanto, deve ter havido algum erro, ou engano, porque alguém recebera suas rosas e ele ficara com os espinhos desse alguém, além dos dele. Ele passara, segundo suas próprias palavras, por um montão de problemas. Costumavam chamá-lo de velho Stephen, numa espécie de rude homenagem ao fato.

O velho Stephen, um homem bastante encurvado, de testa enrugada, expressão pensativa no rosto e cabeça de aparência dura e suficientemente espaçosa, sobre a qual jaziam cabelos grisalhos, longos e finos, poderia passar por um homem particularmente inteligente, mas não era. Ele não estava entre aquelas “mãos” notáveis que, aproveitando os esparsos períodos de descanso em anos, dominaram ciências difíceis e adquiriram conhecimento a respeito das coisas mais improváveis. Não ocupava nenhuma posição entre aquelas mãos que sabiam fazer discursos e conduzir debates. Milhares de seus pares sabiam falar muito melhor do que ele, em qualquer momento. Era um bom operador de tear mecânico e um homem íntegro. O que mais ele era, ou o que mais ele tinha, se é que tinha, permitam que ele mesmo mostre.

As luzes das grandes fábricas, que pareciam palácios de fadas quando estavam iluminadas – como diziam os viajantes do trem expresso –, estavam apagadas; os sinos badalaram o fim da jornada diária e calaram-se outra vez; e as mãos, homens e mulheres, meninos e meninas, voltavam para casa tagarelando. O velho Stephen estava parado na rua, com aquela velha sensação que a paralização do maquinário sempre produzira nele – a sensação de que o maquinário funcionara e parara dentro de sua cabeça.

“Ainda não vi Rachael!”, disse ele.

Era uma noite chuvosa, e muitos grupos de moças passavam por ele, com xales cobrindo as cabeças nuas e presos junto do queixo para proteger da chuva. Ele conhecia bem Rachael, uma rápida olhada em cada um grupo era suficiente para dizer-lhe que ela não estava ali. Finalmente, não havia mais nenhum grupo para sair e ele começou a afastar-se, dizendo em tom de desapontamento: “Ora, não consegui vê-la!”

Porém, mal caminhara a distância de três ruas, viu à sua frente uma daquelas figuras de xale na cabeça, para a qual olhou tão

intensamente que talvez a mera sombra indistinta, refletida na calçada molhada – se pudesse vê-la sem que a própria figura se movesse de um poste para o outro, iluminando-se e extinguindo-se, à medida que avançava – já fosse suficiente para revelar-lhe quem era. Acelerando o passo e ao mesmo tempo tornando-o mais suave, adiantou-se até chegar bem próximo da figura e, imediatamente, voltou ao passo anterior. Chamou: “Rachael!”.

Ela voltou-se, parando debaixo da luz brilhante de um poste; erguendo um pouco o lenço, revelou um rosto tranquilo e oval, escuro e bastante delicado, iluminado por um par de olhos gentis e realçado pela ordem perfeita dos cabelos negros e brilhantes. Não era um rosto em sua primeira florada; ela era uma mulher de trinta e cinco anos.

“Oh, rapaz! És tu!” Disse isso com um sorriso que se expressaria bem mesmo que não se visse nada de seu rosto além dos olhos agradáveis e recolocou o lenço. Os dois caminharam juntos.

“Pensei que estivesse adiantado, Rachael.”

“Não.”

“Saíste mais cedo, moça?”

“Às vezes mais cedo, às vezes mais tarde. Não podes depender de mim para ir para casa.”

“Parece que nem para ir na direção contrária, não é, Rachael?”

“Não, Stephen.”

Ele a olhou com certo desapontamento, mas com a convicção de que ela estava certa em tudo que fazia. Ela percebeu a expressão, pousou de leve a mão sobre o braço dele, como para agradecer.

“Somos tão bons amigos, rapaz, e tão velhos amigos que agora somos velhotes.”

“Não, Rachael, és tão jovem como sempre foste.”

“Um não saberia ficar velho sem o outro, Stephen, já que estamos ambos vivos”, ela respondeu, rindo; “mas, de qualquer modo, somos tão velhos amigos que esconder um do outro uma única palavra da honesta verdade seria um pecado e uma pena. É melhor não caminharmos juntos. Sim, os tempos! Seriam difíceis, decerto, se fossem só isso”, disse ela, com uma jovialidade que tentava transmitir a ele.

“É sempre difícil, de qualquer modo, Rachael.”

“Tenta não pensar, e parecerá melhor.”

“Tentei muito tempo, e não ficou melhor. Mas estás certa; o povo pode falar, até mesmo de ti. É o que tens sido para mim, Rachael, há muitos anos: me fazes tão bem, e me animas tanto com a tua alegria, que a tua palavra é lei para mim. Ah, mocinha, uma lei esplêndida! Melhor do que muitas leis reais.”

“Não te aflijas com elas, Stephen”, respondeu ela prontamente, não sem um olhar ansioso para o rosto dele. “Deixa estar as leis.”

“Sim”, disse ele, assentindo devagar, uma ou duas vezes. “Deixar estar. Deixar tudo estar. Deixar todos em paz. É tudo um lamaçal, e apenas isso.”

“Sempre um lamaçal?”, disse Rachael, com outro leve toque em seu braço, como para tirá-lo da cisma com que mordida as longas pontas do lenço que trazia ao pescoço, enquanto caminhava ao lado dela. O toque teve efeito instantâneo. Ele deixou o lenço e voltou o rosto sorridente para Rachael, dizendo, enquanto dava um gargalhada bem-humorada: “Sim, mocinha Rachael, sempre um lamaçal. É onde fico preso. Entro no lamaçal outra vez e outra vez, e não consigo passar de lá.”

Haviam percorrido certa distância e aproximavam-se de suas casas. A de Rachael foi a primeira a que chegaram. Ficava em uma das muitas ruelas em que o agente funerário (que tirava uma bela quantia da única, pobre e macabra pompa daquelas vizinhanças) conservava uma escada preta, de modo que aqueles que tivessem cumprido seu sobe e desce diário pelas escadarias estreitas pudessem escapar, pela janela, deste mundo de labuta\*. Ela parou na esquina e, pousando a mão sobre a dele, desejou-lhe boa noite.

“Boa noite, cara moça, boa noite!”

Sua figura límpida e seu passo sóbrio afastaram-se pela rua escura, e Stephen ficou ali parado, vigiando até ela entrar numa das casinhas. Talvez não houvesse um único tremor de seu xale áspero que não fosse de interesse para os olhos daquele homem, nenhum som de sua voz que não fizesse eco em seu íntimo.

\* Refere-se ao costume de remover os mortos pela janela, por meio de uma escada, devido à estreiteza dos corredores e à superlotação das pensões da época. (N. T.)

Quando a perdeu de vista, Stephen continuou o caminho em direção à sua casa, olhando para o céu de vez em quando, onde as nuvens velejavam rápidas e indomáveis. Mas elas agora se dissipavam, a chuva cessara e a lua brilhava, observando de cima as altas chaminés de Coketown sobre as fornalhas profundas lá embaixo, e desenhando as sombras titânicas dos motores a vapor, em repouso, nas paredes das fábricas onde se abrigavam. O homem parecia ter-se iluminado com a noite, enquanto caminhava.

Seu lar, numa rua igual à primeira, a não ser pelo fato de ser mais estreita, ficava em cima de uma lojinha. Como é que algumas pessoas podiam achar que valia a pena vender ou comprar brinquedinhos pobres, misturados na vitrine com jornais baratos e talhos de porco (como um pernil, que seria rifado na noite seguinte), não nos importa. Ele apanhou um toco de vela na prateleira, acendeu-o em outro toco que estava sobre o balcão, sem perturbar a dona da loja, que dormia em seu quatinho, e subiu a escada até o dele.

Era um quarto que não estava desacostumado com a escada preta pela qual saíram vários inquilinos; mas tão arrumado, naquele momento, quanto poderia ser um quarto daquele tipo. Uns poucos livros e escritos jaziam sobre uma velha escrivaninha, a um canto, a mobília era decente e suficiente e, embora a atmosfera fosse infecta, o quarto era limpo.

Indo na direção da lareira para colocar a vela numa mesa redonda de três pernas, ele tropeçou em algo. Enquanto recuava, olhando para o objeto, este se ergueu, sob a forma de uma mulher sentada.

“Deus tenha piedade, mulher!”, gritou ele, afastando-se mais ainda da figura. “Retornaste outra vez?”

Que mulher! Uma criatura incapaz e bêbada, que mal podia manter-se sentada, apoiando-se no chão com uma mão encardida, enquanto com a outra empreendia o esforço inútil de afastar os cabelos embaraçados da frente do rosto. A mão estava tão suja, porém, que apenas conseguiu cegá-la mais ainda. Uma criatura obscena de se ver, com seus farrapos, manchas e nódoas e, no entanto, tão mais obscena em sua infâmia moral que era vergonhoso até mesmo olhar para ela.

Depois de uma praga impaciente, ou duas, e um estúpido coçar-se com a mão que não era necessária para o seu apoio, ela afastou os cabelos da frente do rosto o suficiente para enxergar Stephen. Então, sentou-se, balançando o corpo para a frente e para trás, e gesticulou com o braço débil, com o qual parecia querer acompanhar um ataque de riso, embora o rosto estivesse impassível e sonolento.

“Hã, rapaz? O quê? Estás aí?” Por fim, sons roucos que pretendiam significar alguma coisa vieram dela, zombeteiros, e sua cabeça pendeu sobre o peito.

“Retornei outra vez?”, guinchou ela, após alguns minutos, como se ele houvesse acabado de perguntar-lhe. “Sim! E ainda outra vez. Sempre e sempre outra vez. De volta! Sim. Por que não?”

Despertada pela violência sem sentido dos próprios gritos, levantou-se trôpega e manteve-se em pé com os ombros apoiados na parede; de sua mão pendia, pelos cordões, o fragmento emporcalhado de uma touca. Ela tentou encarar Stephen com escárnio.

“Vendo-te outra vez, e outra vez, vendo-te vinte vezes!”, gritou, tentando algo que era uma mistura de ameaça furiosa e dança desafiadora. “Sai da cama!” Ele estava sentado na beira da cama, com o rosto escondido entre as mãos. “Fora! Ela é minha, e tenho direito a ela!”

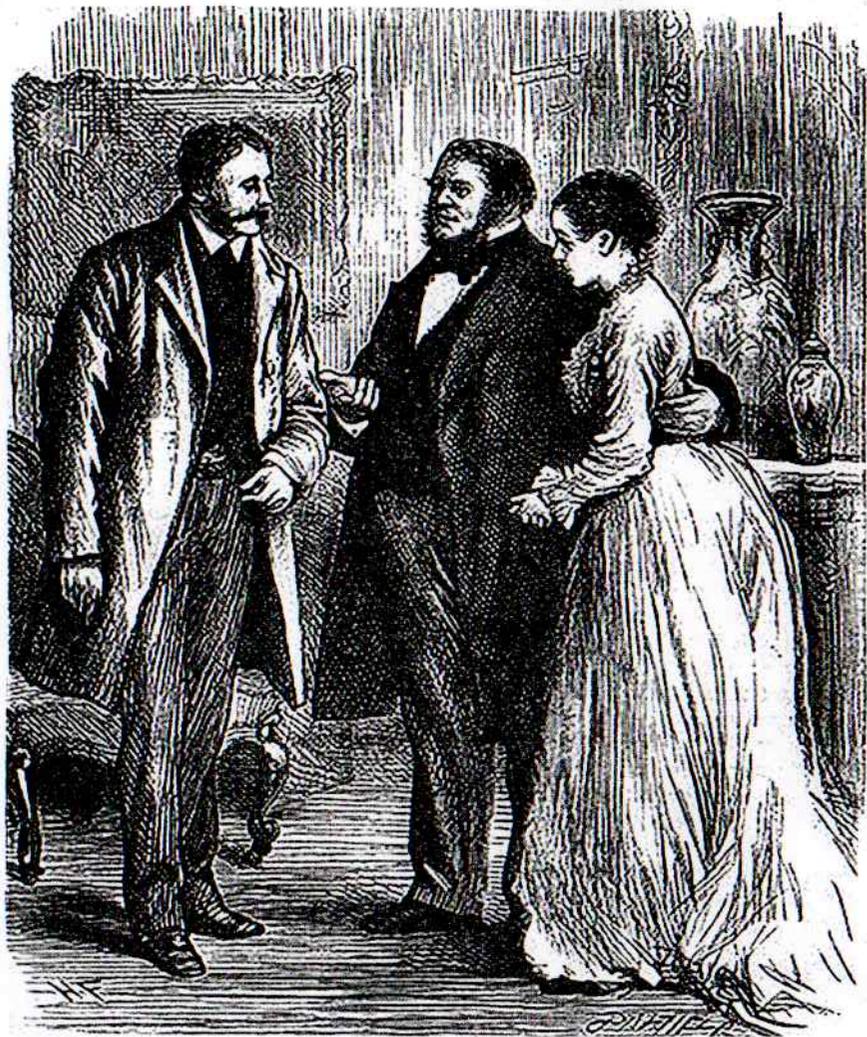
Enquanto a mulher cambaleava até a cama, Stephen a evitou, estremeendo, e passou – ainda com o rosto escondido – para o lado oposto do quarto. Ela lançou-se pesadamente sobre a cama e, dali a pouco, roncava alto. Ele afundou-se numa poltrona e levantou-se apenas uma vez naquela noite. Para jogar um cobertor sobre ela; como se suas mãos não fossem suficientes para escondê-la, mesmo na escuridão.

## XI SEM SAÍDA

Os palácios de fadas irromperam em luzes, antes que a pálida manhã revelasse as monstruosas serpentes de fumaça que se arrastavam acima de Coketown. Um estrépito de tamancos na calçada, um rápido tinir de sinos, e todos os melancólicos elefantes loucos, polidos e lubrificados para a monotonia diária, reiniciaram o duro exercício.

Stephen curvou-se sobre o tear, quieto, vigilante e firme. Um contraste especial, como todos os homens na floresta de teares em que Stephen trabalhava, com o mecanismo barulhento, esmagador e cortante que ele operava. Jamais tema, boa gente de mente ansiosa, que a Arte venha a relegar a Natureza ao esquecimento. Ponha em qualquer lugar, lado a lado, a obra de Deus e a obra do homem, e a primeira, mesmo sendo mão de obra de pouca monta, ganhará dignidade com a comparação.

Tantas centenas de mãos nessa fábrica; tantas centenas de cavalos-vapor. Sabe-se, com a força de uma única libra de peso, o que fará o motor; porém, nem todos os calculadores da dívida nacional poderão dizer-me a capacidade para o ódio e o amor, para o patriotismo ou o descontentamento, para a decomposição da virtude em vício, ou o inverso, em qualquer momento, na alma de seus silenciosos servos, de rostos compostos e ações reguladas. Não há mistério no motor; há um mistério insondável no mais ínfimo de seus servos, para sempre. Isso supondo que revertêssemos nossa aritmética dos objetos materiais, e governássemos de outra maneira essas terríveis quantidades desconhecidas!



“Esta, senhor, é minha esposa, a Sra. Bounderby, filha mais velha de Tom Gradgrind.”

## I EFEITOS NO BANCO

Um dia ensolarado em meados do verão. Às vezes isso acontecia, mesmo em Coketown.

Vista à distância, Coketown jazia sob a própria neblina, que parecia impermeável aos raios solares. Sabia-se que a cidade estava ali apenas porque se sabia que não poderia haver uma mancha mal-humorada como aquela na paisagem, se não fosse uma cidade. Um borrão de fuligem e fumaça, inclinado ora para um lado, ora para o outro, ora aspirando à abóbada do céu, ora arrastando-se sombriamente na terra, à medida que o vento aumentava e diminuía, ou mudava de direção: um emaranhado denso e disforme, com raios de luz que o cruzavam sem revelar nada, a não ser a escuridão. À distância, Coketown sugeria a si mesma, embora nenhum de seus tijolos pudesse ser visto.

O prodígio era que estivesse ali. A cidade fora arruinada tão frequentemente que era inacreditável que houvesse aguentado tantos golpes. Decerto nunca houve porcelana tão frágil como aquela com que foram feitas as fábricas de Coketown. Se forem manuseadas sem cuidado, quebrarão com tamanha facilidade que se poderia imaginar que eram defeituosas. Estavam quebradas quando deveriam ter mandado as crianças que trabalhavam para a escola; estavam quebradas quando foram nomeados inspetores para avaliar seu funcionamento; estavam quebradas quando os inspetores acharam duvidoso que se pudesse justificar o modo como o maquinário cortava as pessoas em pedaços; estavam em pedaços quando se sugeria que talvez não precisassem produzir

tanta fumaça. Além da colher de ouro do Sr. Bounderby, que era aceita geralmente em Coketown, havia outra ficção muito popular na cidade. Tinha a forma de uma ameaça. Sempre que um dos proprietários de Coketown acreditava que era maltratado – isto é, sempre que o apoquentavam e propunham que assumisse as consequências de seus atos –, era certo que ele viria com a terrível ameaça de que “preferia jogar sua propriedade no Atlântico”. Isso aterrorizara, quase até a morte e em várias ocasiões, o secretário do Interior.

No entanto, os proprietários de Coketown eram afinal tão patrióticos que não haviam ainda lançado suas propriedades no Atlântico, mas, ao contrário, sempre tiveram a bondade de tomar muito bem conta delas. Assim, ali estava a cidade, distante no meio da névoa; e crescia e multiplicava-se.

As ruas estavam quentes e poeirentas naquele dia de verão, e o sol estava tão claro que não se podia olhá-lo fixamente, e brilhava até mesmo através do denso vapor que descia sobre Coketown. Fornalheiros saíam dos corredores subterrâneos para o pátio das fábricas e sentavam-se em degraus, colunas e cercas, enxugando o rosto escurecido e contemplando o carvão. A cidade parecia fritar em óleo. Havia por toda a parte o sufocante cheiro de óleo. Os motores a vapor brilhavam com óleo, as roupas das Mãos manchavam-se de óleo, as fábricas transpiravam e pingavam óleo de todos os seus muitos andares. O ar naqueles palácios de fadas era como um sopro do simum, e seus habitantes, derretendo de calor, cansavam-se languidamente no deserto. Mas não havia temperatura que tornasse mais ou menos lúcidos aqueles elefantes melancólicos. A cabeça monótona de cada um deles subia e descia na mesma cadência, estivesse o tempo quente ou frio, úmido ou seco, bom ou ruim. Os movimentos ritmados das sombras nas paredes eram o substituto que Coketown tinha a oferecer para as sombras dos bosques farfalhantes; e, em lugar do zumbido estival dos insetos, poderia oferecer, durante todo o ano, da aurora de segunda-feira até o anoitecer de sábado, o zunido de eixos e rodas.

Com preguiça zuniram durante todo aquele dia de verão, tornando o transeunte mais sonolento e acalorado à medida que

passava pelas paredes sussurrantes das fábricas. Toldos e água resfriavam pouco as ruas principais e as lojas; mas as fábricas, e os pátios e os becos, assavam sob o calor feroz. Lá no rio, que era negro e espesso de tinta, alguns meninos desocupados de Coketown – rara visão na cidade – remavam uma jangada improvisada, que deixava um rastro de espuma na água à medida que avançava cambaleante, e cada mergulho do remo suscitava odores fétidos. Mas o próprio sol, por mais benéfico que fosse em geral, era menos bondoso com Coketown do que a severa geada, e raramente olhava com atenção para outra região próxima da cidade sem causar mais morte do que vida. Assim, até mesmo o olho dos Céus transformava-se em mau-olhado quando mãos incapazes ou sórdidas interpunham-se entre ele e as coisas que queria abençoar com seu olhar.

A Sra. Sparsit estava sentada em seus aposentos no banco, do lado mais sombreado da rua que fritava. O expediente acabara; e, naquele momento do dia, quando o tempo estava quente, ela costumava ornamentar com sua fidalga presença uma sala de reuniões acima do escritório. Sua sala de estar privada ficava um andar acima e servia-lhe de posto de observação para que, todas as manhãs, estivesse pronta para saudar o Sr. Bounderby, enquanto ele atravessava a rua, com a aceitação compassiva de uma vítima. Fazia um ano que estava casado; e a Sra. Sparsit jamais o livrara um só minuto de sua resoluta piedade.

O banco não fazia nenhuma violência à saudável monotonia da cidade. Era mais uma casa de tijolos vermelhos, com janelas negras por fora e persianas verdes por dentro, uma porta de entrada negra ao fim de dois degraus brancos, uma placa de bronze e uma maçaneta de bronze ponto final. Tinha duas vezes o tamanho da casa do Sr. Bounderby, como outras casas eram de duas a seis vezes menores; em todos os outros detalhes, estava estritamente de acordo com o padrão.

A Sra. Sparsit tinha consciência de que, quando aparecia ao anoitecer, entre as escrivainhas e os materiais de escrita, ela derramava no escritório uma graça feminina, para não dizer também aristocrática. Sentada à janela, com uma costura ou um bastidor, tinha a impressão elogiosa de corrigir, com seu porte majestoso,

o rude aspecto comercial do lugar. Imbuída dessa ideia de seu interessante caráter, a Sra. Sparsit considerava-se uma espécie de Fada do Banco. Os moradores, passando e repassando por ali, consideravam-na o Dragão do Banco, vigiando os tesouros da mina de ouro.

O que eram esses tesouros a Sra. Sparsit sabia tanto quanto os outros. Moedas de ouro e prata, papéis valiosos, segredos que, se revelados, trariam incerta destruição a incertas pessoas (em geral, porém, pessoas de quem ela não gostava) eram os itens principais de seu catálogo idealizado. No mais, sabia que, após o expediente, reinava soberana sobre a mobília do escritório e a caixa-forte de três trancas, à porta da qual deitava-se o contínuo todas as noites, num catre que desaparecia ao cantar do galo. Além disso, ela era senhora de certos cofres do porão, fortemente protegidos de contatos com o mundo predatório; e das relíquias do dia de trabalho, que consistiam em manchas de tinta, penas gastas, fragmentos de cera e pedaços de papel, rasgados tão finamente que nada de interessante poderia ser decifrado neles, quando a Sra. Sparsit tentava. Por último, ela era guardiã de um pequeno arsenal de sabres e carabinas, ordenados de forma vingativa sobre uma das lareiras; e daquela respeitável tradição que não se pode separar de nenhum estabelecimento que se diga próspero – uma fileira de baldes de incêndio –, vasilhas planejadas para não ter nenhuma utilidade física em nenhuma ocasião, mas que tinham uma boa influência moral, quase como a das barras de ouro, sobre a maioria dos observadores.

Uma criada surda e um contínuo completavam o império da Sra. Sparsit. Havia o boato de que a criada surda era rica; e há anos circulava um rumor entre as classes inferiores de Coketown de que ela seria assassinada numa noite qualquer, assim que o banco fechasse, por causa de seu dinheiro. Na verdade, consideravam em geral que ela já estava madura e poderia ter caído abatida havia muito tempo; mas continuava viva e com suas posses, demonstrando uma obstinação inapropriada, o que ocasionava muita ofensa e decepção.

O chá da Sra. Sparsit fora servido numa mesinha elegante, com seu trio de pernas numa atitude que costumava insinuar-se após o expediente, em companhia da longa e severa mesa de

reuniões, forrada de couro, que imperava no centro da sala. O contínuo colocou a bandeja sobre a mesinha, batendo continência como forma de homenagem.

“Obrigada, Bitzer”, disse a Sra. Sparsit.

“Obrigado à *senhora*, madame”, retorquiu o contínuo. Ele era contínuo, de fato: inalterado desde o dia em que, piscando sem parar, definiu um cavalo para a menina número vinte.

“Está tudo bem trancado, Bitzer?”, perguntou a Sra. Sparsit.

“Tudo trancado, madame.”

“E quais”, disse a Sra. Sparsit, servindo-se de chá, “são as novidades do dia? Alguma?”

“Bem, madame, não posso dizer que tenha ouvido nada especial. Nosso pessoal não presta, madame; mas isso não é nenhuma novidade, infelizmente.”

“O que andam fazendo aqueles agitadores desprezíveis?”, perguntou a Sra. Sparsit.

“Apenas o de sempre, madame. Unindo-se, associando-se e procurando defender uns aos outros.”

“É lamentável”, disse a Sra. Sparsit, fazendo seu nariz mais romano e suas sobrancelhas mais coriolanas com a força de sua severidade, “que os patrões unidos permitam essas associações de classe.”

“Sim, madame”, disse Bitzer.

“Se eles mesmos estão unidos, deveriam decidir, cada um e todos, não empregar nenhuma pessoa que esteja associada a outra pessoa”, disse a Sra. Sparsit.

“Já fizeram isso, madame”, respondeu Bitzer, “mas foi um fracasso, madame.”

“Não finjo entender essas coisas”, disse dignamente a Sra. Sparsit, “já que o destino, como se percebe com muita clareza, determinou que meu nascimento fosse numa esfera muito diferente; e o Sr. Sparsit, sendo um Fowler, também estava muito longe dessas desavenças. Sei apenas que essas pessoas precisam ser reprimidas, e que já é tempo de fazê-lo, de uma vez por todas.”

“Sim, madame”, respondeu Bitzer, com uma demonstração de grande respeito pela autoridade oracular da Sra. Sparsit. “Não se poderia estar mais certo do que a senhora, madame.”

Como aquela era a hora costumeira de sua conversinha confidencial com a Sra. Sparsit, e como vira em seus olhos que ela ia lhe fazer uma pergunta, Bitzer fingiu arrumar réguas, tinteiros e outros, enquanto a dama continuava a tomar seu chá, olhando para a rua pela janela aberta.

“O dia foi movimentado, Bitzer?”, perguntou a Sra. Sparsit.

“Não muito, senhora. Um dia mais ou menos comum.” De quando em quando, escorregava para “senhora”, em vez de madame, como reconhecimento involuntário da dignidade pessoal da Sra. Sparsit e de suas pretensões à reverência.

“Os caixeiros”, disse a Sra. Sparsit, espanando com cuidado uma migalha imperceptível de pão com manteiga de sua meia-luva esquerda, “continuam confiáveis, pontuais e diligentes, não é mesmo?”

“Sim, madame, bastante exato, madame. Com a exceção costumeira.”

Bitzer ocupava o respeitável cargo de espião e informante geral do estabelecimento, serviço voluntário pelo qual recebia um presente de Natal, além e acima de seu salário semanal. Ele crescera e tornara-se um jovem extremamente lúcido, cauteloso e prudente, que certamente subiria na vida. Sua mente era regulada de modo tão exato que não tinha afeições ou paixões. Todos os seus procedimentos eram resultado dos cálculos mais acertados e frios; e não era sem motivo que a Sra. Sparsit costumava observar que nunca conhecera um jovem de princípios mais firmes. Convencido de que, com a morte do pai, a mãe tinha o direito de continuar em Coketown, o excelente e jovem economista garantiu-lhe tal direito com tão firme aderência ao princípio que, desde então, ela permaneceu trancada numa casa de caridade. Deve-se admitir que Bitzer concedia-lhe cerca de duzentos gramas de chá ao ano, o que era uma fraqueza sua; em primeiro lugar, porque todos os presentes têm a tendência inevitável de empobrecer quem os recebe e, em segundo lugar, porque a única transação razoável que se poderia fazer com tal mercadoria seria comprá-la pelo mínimo que se pudesse pagar e vendê-la pelo máximo que se pudesse obter; já que fora claramente estabelecido por filósofos que nisso residia a totalidade do dever humano – não parte do dever humano, mas a totalidade.

“Bastante exato, madame. Com a exceção costumeira, madame”, repetiu Bitzer.

“Ah!”, disse a Sra. Sparsit, balançando a cabeça sobre a xícara de chá e tomando um longo gole.

“O Sr. Thomas, madame, desconfio bastante do Sr. Thomas, madame, não gosto nem um pouco dos modos dele.”

“Bitzer”, disse imponentemente a Sra. Sparsit, “você se lembra do que eu lhe disse a respeito dos nomes?”

“Peço-lhe perdão, madame. É bem verdade que a senhora faz objeção ao uso de nomes e acha que é sempre melhor evitá-los.”

“Por favor, lembre-se de que tenho um cargo aqui”, disse a Sra. Sparsit, com um ar oficial. “Tenho um cargo de confiança, Bitzer, sob as ordens do Sr. Bounderby. Por mais improvável que tanto eu quanto o Sr. Bounderby considerássemos em anos passados que ele viria a tornar-se meu benfeitor e dar-me uma gratificação anual, não posso evitar vê-lo desse modo. Recebi do Sr. Bounderby todo o reconhecimento por minha posição social e todo o reconhecimento por minha ascendência familiar que eu poderia esperar. E mais, muito mais. Portanto, ao meu benfeitor serei escrupulosamente fiel. E não considero, não considerarei e não posso considerar”, disse a Sra. Sparsit com o máximo de honra e moralidade que pôde, “que eu *seria* escrupulosamente fiel se permitisse a menção de nomes sob este teto que estivessem, infelizmente – muito infelizmente, sem dúvida –, ligados ao dele.”

Bitzer bateu continência e outra vez pediu perdão.

“Não, Bitzer”, continuou a Sra. Sparsit, “diga ‘certo indivíduo’ e ouvirei. Diga ‘Sr. Thomas’ e não poderá contar comigo.”

“Com a exceção costumeira, madame”, disse Bitzer, tentando novamente, “de certo indivíduo.”

“Ah!”, a Sra. Sparsit repetiu a exclamação, o balançar da cabeça sobre a xícara e o longo gole, como se continuasse a conversa do ponto em que fora interrompida.

“Certo indivíduo, madame”, disse Bitzer, “nunca foi aquilo que deveria ser, desde que pisou aqui pela primeira vez. É um vagabundo extravagante e dissoluto. Não vale o sal que come, madame. E não teria o que comer, se não tivesse um amigo e parente na Corte, madame!”

“Ah!”, suspirou a Sra. Sparsit outra vez, com outro balanço melancólico da cabeça.

“Apenas espero, madame”, prosseguiu Bitzer, “que esse amigo e parente deixe de garantir-lhe meios de continuar assim. Do contrário, madame, sabemos do bolso de *quem* sairá esse dinheiro!”

“Ah!”, disse a Sra. Sparsit, com um novo balanço melancólico da cabeça.

“Devemos ter pena dele, madame. A última pessoa a quem aludi merece pena, madame”, disse Bitzer.

“Sim, Bitzer”, disse a Sra. Sparsit. “Sempre me compadeci dessa ilusão, sempre.”

“Quanto ao indivíduo, madame”, disse Bitzer, baixando a voz e aproximando-se, “ele é tão imprudente quanto qualquer pessoa nesta cidade. E a senhora sabe qual é a imprudência *delas*, madame. Ninguém poderia saber melhor do que uma dama de sua eminência.”

“Fariam bem”, retorquiu a Sra. Sparsit, “em seguir seu exemplo, Bitzer.”

“Obrigado, madame. Mas, já que a senhora se refere a mim, veja o que fiz, madame. Já economizei um pouco, madame. A gratificação que recebo no Natal, madame: nunca mexo nela. Não gasto nem mesmo todo o meu salário, madame, embora ele não seja alto. Por que não conseguem fazer o que faço, madame? Aquilo que uma pessoa pode fazer outra também pode.”

Essa também era uma das ficções de Coketown. Qualquer capitalista que tivesse lucrado sessenta mil libras com sessenta centavos sempre demonstrava espanto que as sessenta mil Mãos não lucrassem, cada uma, sessenta mil libras com sessenta centavos e reprovava, com maior ou menor intensidade, cada uma por não realizar essa pequena façanha. O que fiz vocês podem fazer. Por que não vão e fazem?

“Quanto a faltar diversão, madame”, disse Bitzer, “isso é lorota e bobagem. *Eu* não preciso de diversão. Nunca precisei e nunca precisarei; não gosto disso. Quanto a eles se associarem, não tenho dúvida de que muitos poderiam ganhar alguma coisa aqui e ali, seja em dinheiro, seja em boa vontade, se vigiassem

e delatassem uns aos outros, melhorando de vida assim. Por que não melhoram de vida, madame? É o primeiro pensamento de uma criatura racional, e é o que alegam querer.”

“Alegam, de fato!”, disse a Sra. Sparsit.

“Estou certo de que estamos todos enjoados de ouvir histórias sobre esposa e família”, disse Bitzer. “Ora, olhe para mim, madame! *Eu* não tenho esposa nem família. Por que eles deveriam ter?”

“Porque são imprudentes”, disse a Sra. Sparsit.

“Sim, madame”, respondeu Bitzer, “aí está. Se fossem mais prudentes e menos teimosos, madame, o que fariam? Diriam ‘Enquanto a minha família couber no meu chapéu’ ou ‘Enquanto a minha família couber na minha touca’ – conforme o caso, madame – ‘tenho apenas uma pessoa para sustentar, e é a pessoa que mais gosto de sustentar’.”

“Por certo”, assentiu a Sra. Sparsit, comendo um bolinho.

“Obrigado, madame”, retorquiu Bitzer, batendo continência em retribuição ao favor da instrutiva conversação com a Sra. Sparsit. “A senhora deseja um pouco mais de água quente, madame, ou algo mais que eu possa trazer?”

“Nada no momento, Bitzer.”

“Obrigado, madame. Não gostaria de perturbá-la em suas refeições, madame, em particular durante o chá, sabendo de sua preferência por ele”, disse Bitzer, esticando o pescoço para observar a rua de onde estava; “mas há um cavalheiro olhando aqui para cima já faz um minuto ou dois, madame, e atravessou a rua, como se fosse bater à porta. Agora ele *está* batendo, madame, não há dúvida.”

Bitzer caminhou até a janela; olhando para fora e recolhendo outra vez a cabeça, confirmou: “Sim, madame. A senhora quer que o cavalheiro seja recebido?”

“Não sei quem possa ser”, disse a Sra. Sparsit, limpando a boca e ajeitando as meias-luvas.

“Um estranho, madame, evidentemente.”

“Não sei o que pode querer um estranho no banco a esta hora da noite, a não ser que venha a negócios para os quais está atrasado demais”, disse a Sra. Sparsit, “mas tenho um cargo neste estabelecimento que me foi dado pelo Sr. Bounderby e jamais

fugirei dele. Se receber o cavalheiro faz parte do dever que aceitei, vou recebê-lo. Use seu discernimento, Bitzer.”

No mesmo instante, o visitante, inteiramente inconsciente das palavras magnânimas da Sra. Sparsit, repetiu a batida tão sonoramente que o contínuo apressou-se em descer a escadaria e abrir a porta; enquanto isso, a Sra. Sparsit tomava a precaução de esconder a mesinha na despensa, com tudo sobre ela, e levantar acampamento até o andar de cima, de onde poderia aparecer, se necessário, com mais dignidade.

“Com sua licença, madame, o cavalheiro gostaria de vê-la”, disse Bitzer, olhando com seus olhos claros pelo buraco da fechadura. A Sra. Sparsit, que aproveitara o intervalo para ajeitar a touca, levou seus traços clássicos até o andar de baixo e entrou na sala de reuniões à maneira de uma matrona romana saindo pelos portões da cidade para negociar com um general invasor.

O visitante caminhara devagar até a janela e estava tão distraído olhando para a rua que foi tão indiferente à impressionante entrada da Sra. Sparsit quanto poderia ser. Estava parado, assoviando para si mesmo, com toda a calma, ainda de chapéu e com certo ar de cansaço, em parte por causa do calor excessivo e em parte por causa do refinamento excessivo. Via-se que era um verdadeiro cavalheiro, talhado à moda da época; cansado de tudo e com tão pouca fé em tudo quanto Lúcifer.

“Acredito, senhor”, sentenciou a Sra. Sparsit, “que deseja ver-me?”

“Peço-lhe perdão”, disse ele, virando-se e tirando o chapéu; “por favor, desculpe-me.”

“Hum!”, pensou a Sra. Sparsit, inclinando-se solenemente. “Trinta e cinco anos, bem apessoado, boa figura, bons dentes, boa voz, boa educação, bem vestido, cabelos escuros, olhos ousados.” Tudo isso a Sra. Sparsit observou à sua maneira feminina – como o sultão que enfiou a cabeça no balde de água –, apenas mergulhando e emergindo novamente.

“Por favor, sente-se, senhor”, disse a Sra. Sparsit.

“Obrigado. Permita-me.” Puxou uma cadeira para ela, mas permaneceu encostado descuidadamente na mesa. “Deixei meu criado na estação, cuidando da bagagem – muito pesada e

muito numerosa – e saí para passear e olhar por aí. Lugar muito atípico. A senhora permite que eu lhe pergunte se é *sempre* tão negro assim?”

“Quase sempre é muito mais negro”, retorquiu a Sra. Sparsit à sua maneira intransigente.

“Será possível? Com sua licença: a senhora não é nativa, creio?”

“Não”, respondeu a Sra. Sparsit. “Foi em certa época minha boa ou má fortuna – seja como for, antes de eu enviudar – que me levou a circular numa esfera bastante diferente. Meu marido era um Powler.”

“Não diga! É mesmo?”, disse o estranho. “Era um...?”

A Sra. Sparsit repetiu: “Um Powler”.

“Família Powler”, disse o estranho, após refletir alguns instantes. A Sra. Sparsit assentiu com um gesto. O estranho pareceu um pouco mais cansado do que antes.

“A senhora deve sentir-se bastante entediada aqui.” Foi o que ele deduziu da informação.

“Sou uma vítima das circunstâncias, senhor”, disse a Sra. Sparsit, “e há muito adaptei-me ao poder que governa minha vida.”

“Muito filosófico”, retorquiu o estranho, “e muito exemplar, louvável e...” Parecia não valer a pena terminar a frase, e ele começou a brincar, enfasiado, com a corrente do relógio.

“Permita-me perguntar, senhor”, disse a Sra. Sparsit, “a que devo a honra de...”

“Certamente”, disse o estranho. “Muito obrigado por lembrar-me. Trago uma carta de apresentação ao Sr. Bounderby, o banqueiro. Caminhando por esta extraordinária cidade negra, enquanto preparavam o jantar no hotel, perguntei a um sujeito que encontrei, um dos trabalhadores, que parecia ter tomado um banho de algo lanoso, que presumi ser o material bruto...”

A Sra. Sparsit inclinou a cabeça.

“...material bruto..., onde o Sr. Bounderby, o banqueiro, residia. Sem dúvida induzido ao erro pela palavra ‘banqueiro’, indicou-me o banco. Presumo que, na verdade, o Sr. Bounderby, o banqueiro, não resida neste edifício em que tenho a honra de oferecer esta explicação?”

“Não, senhor”, respondeu a Sra. Sparsit, “não reside.”

“Obrigado. Eu não tinha intenção de entregar a carta neste momento, e ainda não tenho. Porém, vindo até o banco para matar o tempo, e tendo a sorte de observar à janela”, em cuja direção ele acenou com uma mão lânguida e, em seguida, curvou-se ligeiramente, “uma dama de aparência muito superior e agradável, concluí que o melhor que poderia fazer era tomar a liberdade de perguntar a tal dama onde mora, *de fato*, o Sr. Bounderby. O que agora me aventuro a fazer, com todas as desculpas apropriadas.”

A desatenção e a indolência de seus modos eram atenuadas, aos olhos da Sra. Sparsit, por certa galanteria fácil, que também lhe prestava homenagem. Naquele momento, por exemplo, ele estava quase sentado na mesa e, no entanto, inclinava-se preguiçosamente na direção da Sra. Sparsit, como se reconhecesse nela uma atração que a tornava encantadora – à sua maneira.

“Bancos, sei bem, são sempre suspeitos, e devem ser, oficialmente”, disse o estranho, cuja leveza e suavidade ao falar eram igualmente agradáveis; sugerindo matéria muito mais sensível e espirituosa do que poderiam conter – o que era, talvez, uma ferramenta astuta do fundador dessa seita numerosa, fosse quem fosse esse grande homem. “Portanto, devo observar que a carta – aqui está – vem de um parlamentar que representa este lugar – Gradgrind – e a quem tive o prazer de conhecer em Londres.”

A Sra. Sparsit reconheceu a caligrafia, garantiu que a confirmação era desnecessária e deu o endereço do Sr. Bounderby, com todas as devidas direções e referências úteis.

“Mil agradecimentos”, disse o estranho. “A senhora decerto conhece bem o banqueiro?”

“Sim, senhor”, replicou a Sra. Sparsit. “Em minha condição de dependente dele, conheço-o há dez anos.”

“Que eternidade! Acredito que ele seja casado com a filha de Gradgrind.”

“Sim”, disse a Sra. Sparsit, comprimindo os lábios, “ele teve a... honra.”

“Contaram-me que a dama é uma filósofa e tanto.”

“De fato, senhor?”, disse a Sra. Sparsit. “*Será* que é?”

“Perdoe-me a curiosidade impertinente”, prosseguiu o estranho com um ar conciliador, fazendo estremecer as sobrancelhas da Sra. Sparsit, “mas a senhora conhece a família e conhece o mundo. Eu em breve conhecerei a família e, no futuro, talvez tenha muito a ver com ela. A dama é assim tão assustadora? O pai atribui-lhe uma reputação de tão portentosa objetividade que desejo ardentemente conhecê-la. Ela é absolutamente inacessível? Repulsivamente e assustadoramente inteligente? Vejo por seu sorriso que a senhora não acredita nisso. A senhora derrama bálsamo em minha alma ansiosa. Agora, quanto à idade. Quarenta? Trinta e cinco?”

A Sra. Sparsit riu abertamente. “Uma criança”, disse ela, “não havia completado vinte quando se casou.”

“Dou-lhe minha palavra, Sra. Powler”, retorquiu o estranho, apeando da mesa, “de que nunca estive tão perplexo em toda a minha vida!”

Ele pareceu realmente impressionado, tanto quanto era capaz de impressionar-se. Ficou olhando um quarto de minuto para sua informante, e parecia ter a surpresa nas mãos. “Asseguro-lhe, Sra. Powler”, disse ele absolutamente extenuado, “que os modos do pai prepararam-me para uma maturidade severa e pétrea. Agradeço-lhe, acima de tudo, por corrigir um erro tão absurdo. Perdoe-me a intrusão. MUITÍSSIMO obrigado. Boa noite!”

Ele curvou-se e saiu. A Sra. Sparsit, escondida atrás da cortina, viu-o caminhar languidamente rua abaixo, pela sombra, e sendo observado por toda a cidade.

“O que você acha do cavalheiro, Bitzer?”, perguntou ao contínuo, quando ele retornou para tirar a mesa.

“Gasta bastante com roupas, madame.”

“Devo admitir”, disse a Sra. Sparsit, “que ele tem muito bom gosto.”

“Sim, madame”, retorquiu Bitzer, “se o gosto vale todo esse dinheiro.”

“Além do mais, madame”, continuou Bitzer, enquanto polia a mesa, “pareceu-me que ele gosta de jogar.”

“É imoral jogar”, disse a Sra. Sparsit.

“É ridículo, madame”, disse Bitzer, “porque as chances estão contra os jogadores.”

Talvez o calor tenha impedido a Sra. Sparsit de bordar, ou lhe tenha faltado firmeza nas mãos. O fato é que ela não bordou naquela noite. Sentou-se à janela, quando o sol começou a sumir por trás da fumaça; ficou sentada ali, enquanto a fumaça ardia vermelha e perdia a cor, enquanto a escuridão parecia erguer-se lentamente do chão e arrastar-se para cima, cada vez mais para acima dos telhados das casas, do campanário da igreja, das chaminés das fábricas, até o céu. Sem vela na sala, a senhora Sparsit permaneceu sentada à janela, com as mãos no colo, sem pensar muito nos sons do anoitecer; os gritos dos meninos, o latido dos cães, o giro das rodas, os passos e as vozes dos transeuntes, os gritos agudos dos vendedores de rua, os tamancos na calçada ao passar perto dali, o fechar das portas das lojas. Até o contínuo anunciar que as molejas da noite estavam prontas, a Sra. Sparsit não havia ainda acordado de seu devaneio nem levado para o andar de cima suas densas sobranceiras negras, àquela altura tão vincadas pela meditação como se precisassem ser passadas a ferro.

“Oh, seu tolo!”, disse a Sra. Sparsit, quando ficou sozinha com a ceia. A quem se referia ela não disse; mas certamente não se referia às molejas.

## II SR. JAMES HARTHOUSE

O partido Gradgrind requeria assistência para cortar o peçoço das Graças. Saíram a recrutar; e onde poderiam encontrar recrutas com mais futuro, senão entre os excelentes cavalheiros que, tendo descoberto que tudo valia nada, estavam preparados para qualquer coisa?

Além do mais, os saudáveis espíritos que haviam ascendido a essas alturas sublimes atraíam muitos da escola Gradgrind. Eles gostavam de excelentes cavalheiros; fingiam o contrário, mas gostavam. Extenuavam-se de tanto imitá-los; arrastavam a fala como eles; e distribuíam, com ar nervoso, as magras e emboloradas rações da economia política, com as quais regalavam seus discípulos. Nunca se viu na face da terra uma raça híbrida como a que foi produzida dessa forma.

Entre os excelentes cavalheiros que não eram membros regulares da escola Gradgrind, havia um de boa família e melhor aparência, com inclinação para o bom humor, que teve oportunidade de praticá-lo na Câmara dos Comuns quando expôs sua opinião (que era a mesma do Conselho de Diretores) sobre um acidente ferroviário, no qual se envolveram os funcionários mais cuidadosos que já se viu, empregados pelos gerentes mais generosos de que já se ouviu falar, auxiliados pelos melhores instrumentos mecânicos já inventados, todos trabalhando na melhor linha já construída, e que matara cinco pessoas e ferira trinta e duas, por uma casualidade sem a qual a excelência do sistema estaria positivamente incompleta. Entre as vítimas havia uma vaca, e entre os artigos espalhados e